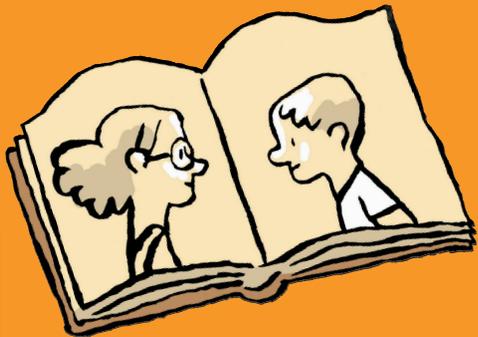




César não aguenta mais mudar de cidade todo ano. Tudo porque seu pai, escritor, jura só encontrar inspiração se estiver em um lugar diferente a cada novo projeto. E é por isso que o menino não chega perto de nenhum livro, afinal eles são os culpados por essa situação.

Mas César conhece Lúcia, uma menina que adora ler. E seu gosto pelos livros e pela leitura começa a aparecer. A partir disso, os dois, juntos, vivem muitas surpresas e aventuras.



173639

ISBN 978-85-418-1194-1



9 788541 811941



BARCO
A VAPOR

O livro invisível

Santiago García-Clairac

Tradução
Sérgio Alcides

O LIVRO INVISÍVEL • SANTIAGO GARCÍA-CLAIRAC



O livro invisível

Título original em espanhol: *El libro invisible*
© Santiago García-Clairac / Ediciones SM, 1999

Coordenação editorial: José Roberto Miney e Graziela Ribeiro dos Santos
Revisão: Lauro Elme

Edição de arte: Natalia Zapella
Ilustração de capa: Odyr Bernardi
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

García-Clairac, Santiago

O livro invisível / Santiago García-Clairac; tradução
Sérgio Alcides. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2015. —
(Barco a Vapor — Série Laranja)

Título original: *El libro invisible*
ISBN: 978-85-418-1194-1

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-08849

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª edição brasileira 2004
2ª edição 2016
Xª impressão 2020

Todos os direitos reservados à

SM EDUCAÇÃO

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
<https://www.grupo-sm.com/br>



BARCO
A VAPOR

O livro invisível

Santiago García-Clairac

Tradução
Sérgio Alcides



● 1

MEU NOME É CÉSAR e hoje começam minhas aulas numa nova escola. Por causa disso, estou de péssimo humor.

Todo ano é a mesma coisa: tenho que trocar de escola, de colegas, de professores, de bairro e, o que é pior, de casa. A culpa é do meu pai.

Não é que ele seja um bandido perseguido pela polícia, desses que precisam mudar de cidade o tempo todo. Não, não é isso... Meu pai é escritor.

Ele diz que é um espírito agitado e que não pode ficar muito tempo no mesmo lugar. Por isso, ficamos em cada cidade só até que ele termine um novo romance. Depois... adeus!

— Minha imaginação empaca — ele explicou ao meu irmão, Javier, a mamãe e a mim, num avião. — Não sou capaz de escrever dois livros no mesmo lugar. Preciso ver caras novas, outros lugares...

Ele escreve livros para crianças, mas até agora não tive vontade de ler nenhum deles. Já tentei algumas vezes, mas fico num mau humor tão grande que não consigo ir até o fim.

Os livros do meu pai me irritam porque acho que eles são os culpados por estarmos mudando sempre. E, justamente por isso, por culpa desses livros, começo hoje em outra escola.

Pelo menos, desta vez tive sorte. A escola fica perto de casa. Quer dizer, ela fica perto da minha nova casa. Faz apenas um mês que estamos morando nesta cidade e ainda não tenho amigos, nem sequer conheço os vizinhos.

A escola é bem grande. Assim como a sala, que parece um cômodo desses palácios que vemos nos filmes.

Cheguei cedo, e entrei primeiro, porque por experiência já sei que assim se pode escolher um lugar. Preferi sentar numa carteira do fundo, perto da janela.

Aprendi que os professores não costumam prestar muita atenção no pessoal de trás e que quem se senta perto da janela tem uma vantagem: enquanto se olha para o céu, a gente se distrai e o tempo passa mais rápido.

É esse tipo de coisa que aprende quem troca

tanto de escola e está sempre sozinho.

A sala vai enchendo aos poucos. Noto que quase todos se conhecem e se cumprimentam, mas, para mim, olham como se eu fosse um bicho raro. Na verdade, já estou acostumado. É sempre a mesma coisa.

Acho que o professor e eu não vamos nos dar muito bem. Um dia desses, meu pai me apresentou a ele. É do tipo que gosta que todos se dirijam a ele com respeito, como se fosse mais importante que o resto do mundo.

— Olá!

— O quê? — respondo surpreso.

— Como você se chama?

— Quem? Eu? Meu nome é César — digo.

— Eu sou a Lúcia — diz a menina que acaba de se sentar ao meu lado.

Eu não tinha percebido, mas as carteiras são duplas e, cedo ou tarde, alguém teria de dividir a minha comigo. O que eu não esperava era que fosse uma garota tão feia.

Olho para ela com o rabo do olho e percebo que tem uma cara que me deixa nervoso. O pior não são as sardas marrons que cobrem quase todo seu rosto, são esses óculos tão grandes e tão redondos que ela usa. É como se estivesse de máscara.

Enfim, que ano que me espera!

— Você é novo, não é?

— Sim — respondo, sem tirar os olhos do caderno. — Sou novo por aqui.

— E na cidade? — insiste ela.

— Sim, também sou novo na cidade.

Além de feia, é chata.

— Estou nesta escola desde pequenininha — explica. — Sou uma veterana. Qualquer coisa que você quiser saber sobre isso aqui, pode me perguntar.

Era o que eu temia: também é idiota.

— Claro, claro... — digo, para ver se ela fecha a boca. — Vou perguntar, se for o caso.

— Olhe, não me trate como se eu fosse uma idiota, está bem? — diz ela, de repente, como se tivesse lido meus pensamentos. — Posso ter cara de boba, mas não sou.

— Mas eu não...

— Você, sim — ela me interrompe. — Está pensando que eu sou burra, mas está muito enganado.

— Puxa! Mas eu não disse nada — reclamo.

— Mas pensou, o que é a mesma coisa — diz ela em tom de bronca.

— E como você sabe o que eu estou pensando?

— É porque sou escritora. Os escritores sabem muito sobre as pessoas.

— Ah, é?

— É.

Prefiro ficar calado. Aconteceu o pior que poderia ter me acontecido: outro escritor.

— Fique você sabendo que meu pai é escritor e publica livros, não é como você, que não publica nada.

— E o que seu pai escreve? Está escrevendo alguma coisa agora? Como ele se chama? Qual é a editora dele? Quantos livros...?

— Chega! — ordeno. — Não percebeu que o professor já está olhando para a gente?

Ela faz cara de zangada para mim, mas não fala mais nada.

Hoje foi um dos dias mais pesados da minha vida. Acho que amanhã vou tratar de mudar de carteira, porque não suporto essa tal de Lúcia. O que ela tem a ver com o que meu pai está escrevendo? Talvez pense que dou alguma bola para o que ela faz.

Meu irmão está me esperando na saída da escola. Vamos para casa caminhando.

— O que aconteceu com a sua bochecha? — pergunto, ao notar uns arranhões na cara dele.

— Briguei com um cara lá da turma — diz.

— Está tudo bem com você?

— Sim, acho que sim — responde. — E com você, como é que foi?

— Estou com problemas com uma garota — explico. — Fiquei com a colega de carteira mais idiota e mais feia que já vi na vida. Você ficaria espantado se visse.

Prefiro não contar que um grupo de garotos ficou implicando comigo. Que passaram o dia jogando bolinhas de papel com cola na minha cabeça. E que, eu acho, serão um problema, embora eu tenha tentado não dar muita importância ao assunto.

Chegamos em casa e vamos fazer os deveres. Depois, chega o papai e jantamos.

— Como foi o primeiro dia de escola? — pergunta ele, assim que nos sentamos.

Olho para ele sem responder.

— Tive uma briga com um garoto que me chamou de calouro — diz Javier. — Mas bati nele...

— Javier, meu filho, já lhe disse mil vezes que não é para ficar brigando com seus colegas de turma — diz mamãe dando uma bronca. — Você nunca vai ter amigos se continuar se comportando assim.

— Nós nunca vamos ter amigos — digo.

— Comecei uma história nova — fala meu pai, evitando uma discussão, coisa que não lhe agrada nem um pouco.

— Que bom! — disse mamãe, tentando melhorar o clima.

— E nós começamos o ano numa nova escola — digo enchendo a colher de sopa e levando-a até a boca.

— Como é seu livro? — pergunta meu irmão.

— Chama-se *O livro invisível*... Estou bem contente. Ainda não posso contar os detalhes, porque estou só começando.

— *O livro invisível*? — repete Javier com ar de surpresa.

— Sim, é isso — diz meu pai. — É a história de um livro que nem todo mundo pode ver e...

— Ei! Você não dizia que dá azar contar as histórias que ainda estão sendo escritas? — interrompe mamãe.

— Ah, mãe! — reclama Javier.

— Ela tem razão — diz meu pai. — Não vou contar mais nada. Quando ficar pronta, leio para vocês.

Eu não falei nada. Não me interessa a história do meu pai. Por culpa dos livros dele, passamos a vida trocando de cidade, de casa e de escola...

E agora, além disso, tenho que aguentar a Lúcia.

— Bom, vou escrever — diz meu pai, depois de jantar. — Boa noite para todos.

Ele costuma escrever de noite. Durante o dia escreve à mão num caderno. Depois, de noite, passa tudo para o computador. Notem que ele escreve duas vezes a mesma coisa. Por isso é que eu digo que os escritores são muito estranhos.

— Até amanhã, papai — Javier se despede.

— Boa aula para vocês amanhã — diz, levantando-se da mesa e saindo da sala.

Ainda ficamos vendo televisão por algum tempo. Está passando um filme de aventura e mamãe deixou a gente assistir.